



Falsificação de notas de 500 euros caiu de 706 para 38

INVESTIGAÇÃO Foi há dez anos uma das maiores apreensões de notas falsas de 500 euros: um gangue tentou passar 1,2 milhões da Croácia para a Áustria (na foto, os então ministros da Administração Interna dos dois países). Nos últimos anos houve uma quebra acentuada

da falsificação. Segundo o Relatório de Segurança Interna, em 2014 as polícias apreenderam 706 notas falsificadas (353 mil euros), número que caiu em 2015 para 38 notas (19 mil euros). As notas têm sido feitas em Espanha e em Itália.

Muito dinheiro, pouco volume: quanto vale uma nota de 500

Dinheiro. Em três meses foram transacionadas 334 mil destas notas no país. São as únicas que o Banco de Portugal não produz

SUSETE FRANCISCO

Nos primeiros três meses deste ano saíram dos cofres do Banco de Portugal 334 mil notas de 500 euros, um valor correspondente a mais de 63 milhões de euros. No total do ano passado foram 635 milhões (1,3 milhões de notas). Agora, o Banco Central Europeu (BCE) anunciou que vai deixar de produzir estas notas, definitivamente, em 2018. No entanto, e ao contrário do que apontavam as primeiras declarações dos responsáveis europeus, as notas que estão no mercado continuarão a poder ser usadas, e sem limite de validade.

A decisão do BCE não merece interpretação consensual entre os economistas, nem sequer quanto aos objetivos pretendidos. Vai criar uma situação "perversa", diz Avelino de Jesus, professor do ISEG (Instituto Superior de Economia e Gestão), defendendo que o alcance da medida está longe de ser o combate à criminalidade (ver entrevista ao lado).

"A maior parte das pessoas nunca viu uma nota de 500 euros. Eu nunca vi. Mas 30% da circulação [de notas] é precisamente de notas de 500 euros. Há aqui um problema", diz Nuno Teles, investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e especialista em questões financeiras. Mas não

é a única explicação avançada. Para este economista a decisão do BCE surge nesta altura "não apenas pela questão da criminalidade", mas para dar um empurrão à política monetária de Mario Draghi. Ou seja, para "tornar mais caro aos bancos o entesouramento em espécie" – leia-se guardar as notas nos seus cofres, a versão bancária do dinheiro debaixo do colchão – em vez de o depositar no BCE, onde as taxas são agora negativas (o que significa que os bancos têm de pagar para pôr lá o dinheiro).

Pela sua utilidade e por serem

mais raras as notas de 500 euros vão acabar por ganhar valor.

Fonte da PJ com experiência no combate ao crime financeiro admite que a saída destas notas de circulação tem um efeito positivo, na medida em que dificulta a deslocação de dinheiro vivo. "Se eu tiver cem notas de 500 euros tenho muito dinheiro e pouco volume", diz, admitindo que é uma alternativa para os criminosos face a um sistema financeiro cada vez mais "policiado". "Hoje as regras são muito mais apertadas e torna-se difícil colocar grandes quantidades de dinheiro. Notas de grande valor levam-se na carteira", sublinha.

A má fama das notas de 500 enquanto instrumento privilegiado de atividades ilícitas já lhes valeu o cognome de *Bin Laden's*. No início do ano, quando os responsáveis do BCE apontavam para a eliminação da nota, um dos membros do Banco Central, o francês Benoit Coeuré, sublinhava que cerca de um quinto das notas em circulação está fora da zona euro, com destaque para a Rússia e Europa de Leste. Este responsável deu uma garantia: "Não se trata de acabar com as notas em geral."

Atualmente haverá cerca de 614 milhões de notas de 500 euros em circulação. Nenhuma é feita em Portugal – é a única nota que o Banco de Portugal não produz.

TRANSAÇÕES

63

milhões de euros

Valor que saiu do Banco de Portugal, no primeiro trimestre do ano, em notas de 500 euros.

635

milhões de euros

Valor total "libertado" pelo BdP em 2015, em notas de 500, correspondente a cerca de 1,3 milhões de notas.